

PEDRA DO FRADE: NARRATIVAS LITERÁRIAS E IDENTIDADE REGIONAL DE ITAPAJÉ-CE

PEDRA DO FRADE: LITERARY NARRATIVES AND REGIONAL IDENTITY OF ITAPAJÉ-CE

Maria Marly Cruz Gomes Pinto

Resumo: O presente projeto deseja estruturar uma pesquisa analítica acerca dos aspectos geográficos da formação rochosa conhecida por “Pedra do Frade” e de que modo as narrativas literárias míticas de escritores locais ressaltam a importância deste para a construção identitária da cidade, como a bandeira, o hino da cidade e o nome do município de Itapajé no estado do Ceará. A partir disso, a pesquisa irá traçar a influência da Pedra do Frade na identidade histórico-cultural itapajeense e investigar as criações literárias a partir de diferentes versões da lenda do frade petrificado que se estabeleceu no imaginário local, considerando histórico-descritivas sobre o povoamento da cidade por freis capuchinos e das tentativas de catequização da tribo Anacés e explorando as reconstruções da lenda da Pedra do Frade em crônicas e livros de cordel escritos por autores locais com a finalidade de fortalecer a formação cultural da cidade. Utilizando de BASTOS (2006) e BRANCO (2020), o trabalho busca sintetizar a presença da Pedra do Frade em elementos simbólicos do município.

Palavras chaves: Pedra do Frade; Narrativa Literária; Identidade Regional;

Abstract: The present project wants to structure an analytical research about the geographical aspects of the rock formation known as “Pedra do Frade” and how the mythical literary narratives of local writers emphasize its importance for the identity construction of the city, such as the flag, the city’s



anthem and the name of the municipality of Itapajé in the state of Ceará. From this, the research will trace the influence of Pedra do Frade in the historical-cultural identity of Itapaje and investigate the literary creations from different versions of the legend of the petrified friar that was established in the local imagination, considering historical-descriptive about the settlement of the city by capuchino friars and the attempts to catechize the Anacés tribe and exploring the reconstructions of the legend of Pedra do Frade in chronicles and cordel books written by local authors with the aim of strengthening the cultural formation of the city. Using BASTOS (2006) and BRANCO (2020), the work seeks to synthesize the presence of Pedra do Frade in symbolic elements of the municipality.

Keywords: Pedra do Frade; Literary Narrative; Regional Identity;

Introdução:

Durante nosso período escolar, estudamos muitas coisas acerca do “descobrimento” do Brasil, do comércio de especiarias, do genocídio indígena e de como a construção de nosso país começou dando errado.

Entretanto, todos esses fatos são discutidos de forma muito distante da nossa própria realidade, somos lembrados de nomes que não conhecemos e locais que nunca visitamos, o que faz com que nossa própria história se torne algo distante, confuso e tediante.

Um dos objetivos principais deste trabalho é fazer com que a História e a Geografia do Brasil se conectem com a Literatura de forma particular, demonstrando que a cultura nacional pode ser explorada partindo de um microcosmo como Itapajé para o macro que é a cultura nacional e sua relação de origem com outro país, Portugal. Saindo da simples ideia maniqueísta de bem e mal ou da perspectiva de esquecimento da nossa cultura e buscando expressar que ainda podemos ressignificá-la.

Essa ideia surgiu da necessidade de conseguir levar para o contexto escolar e de opinião



pública, o resgate cultural da Pedra do Frade, e como citado anteriormente, o valor cultural através de sua história. Além de um simples bloco de granito, que possuía um valor individual pela ótica dos missionários e que hoje em dia conseguiu manter sua importância como símbolo municipal.

A Literatura que iremos utilizar como instrumento de pesquisa não irá ser utilizada como comparativo para outros livros, na verdade, as produções serão vistas como documentos que possuem o poder intercultural de assegurar nossa hipótese principal, a de que a Pedra do Frade tem uma relevância histórica para a cidade de Itapajé, no interior do Ceará, e de que este bloco de granito influencia a cultura da cidade.

Sugestões acerca deste tema surgiram durante o estudo do livro “Os Sertões”, clássico da literatura brasileira que faz parte do cânone nacional, não somente pela escrita detalhada, mas também como um trabalho historiográfico sobre a Guerra de Canudos e demográfico em relação ao povo da região Nordeste, o autor Euclides da Cunha, destaca em algumas passagens, a presença de uma religiosidade peculiar ao sertanejo com características de sincretismo e um fanatismo diferente do resto do país.

A partir disso, o tema é delimitado na área de religiosidade nordestina e durante um debate no Laboratório de Humanidades e Tecnologias da Educação (LABHUTE) de como seria possível trazer uma pesquisa desta natureza para a iniciação científica de Geografia e Letras, sugeriu-se que a pesquisa se inicie em nossa região, na cidade de Itapajé, se tornou possível encontrar a partir desta primeira impressão, os artifícios necessários para a definição de um roteiro de pesquisa.

Esta pesquisa se desenvolve como metodologia bibliográfica de cunho qualitativo, utilizando inicialmente o livro “História do Ceará: dos índios à geração cambeba” de Airton de Farias para construir o Capítulo 1, “A colonização do Brasil: origem e resultados” e seu subtópico: Brasil e Portugal: irmãos de fé ou inimigos de Guerra?” onde será contextualizada a colonização cearense e a influência dos portugueses na definição de nossa religião, bem como o Capítulo 2. A catequese no Ceará e seu subtópico Aldeamento versus Santas Missões. Os dois primeiros capítulos irão tratar da presença



histórica dos aldeamentos e das Santas Missões como formas de aproximação do indígena cearense.

Posteriormente, será analisado o livro “Histórias da minha terra” escrito pela Prof. Zelândia Bastos e o livro “A lenda do Frade de Pedra” do autor Sérgio Magalhães para a escrita do Capítulo 3. Narrativas literárias da Pedra do Frade e suas especificações: Antônio Martins e a Pedra do Frade, A lenda do Frade de Pedra, que oferecerá material para que seja possível analisar a história da aproximação europeia em Itapajé, a construção das igrejas, a influência da religião na origem da cidade, considerações acerca do nome da pedra e a importância para a cultura do município. Será tratado no Capítulo 4 acerca dos símbolos municipais; a bandeira e o hino e de que estes ainda carregam a Pedra do Frade em sua retratação, bem como a origem do termo e ao fim, estará presente as considerações finais.

Espera-se que este trabalho sirva como uma forma de atuação para o estudo e o ensino de História e Geografia, tanto do Ceará quanto de Itapajé através da Literatura e de como podemos refletir acerca da sobrevivência de nossa civilização intercultural.

A origem da colonização no Brasil e suas consequências

Quando consideramos falar sobre o período da história nacional denominado Brasil Colônia, sempre somos levados a visualizar o primeiro contato entre aborígenes e colonizadores em uma praia trocando especiarias raras por espelhos. Entretanto, quase sempre é deixado de lado a origem daqueles que conquistaram nosso território, sendo tratado como irrelevante o contexto social em Portugal durante os anos que antecederam as navegações até a América do Sul e consequentemente, ao Brasil, estabelecendo aqui a extensão do Império Português.

Neste capítulo, iremos tratar sobre a situação sociopolítica de Portugal antes e durante o “descobrimento” e bem como suas principais motivações e necessidades em procurar constatar se realmente existia vida além do continente europeu. Além disso, iremos traçar questionamentos acerca



da rivalização existente entre Brasil e Portugal e se podemos considerá-los nossos inimigos ou se são, na verdade, complementares à construção da cultura brasileira.

Quem é Portugal: considerações sobre o mito fundador e o contexto social português antes da Ilha de Vera Cruz

O que pouco é comentado acerca de nossos colonizadores, é a origem do próprio país, história esta que devíamos ter o direito de conhecer, posto que interfere diretamente em nosso desenvolvimento enquanto sociedade civil. Considerando que aqui chegou somente uma parcela da população portuguesa, uma amostra da sociedade lusa, seria desonesto não discutir como surgiu e como se encontrava o resto do país antes e durante as navegações.

Iniciemos considerando o mito fundador da sociedade portuguesa que se inicia durante a ocupação da Península Ibérica pelos mouros, povo africano originário de um local entre a Argélia e o Marrocos que ocupou a Europa durante oito séculos, entre os anos de 711 e 1492. Apesar de levarem consigo seus conhecimentos musicais, científicos e cultura gastronômica, a presença dos mouros nesta região deu origem à conflitos que mudaram para sempre a história do mundo, como destaca NAVARRO (2018):

“ No início do século VIII d.C., os mouros se converteram ao islamismo após o contato com árabes vindos do Oriente Médio para espalhar os mandamentos do profeta Maomé. A religião que os mouros levaram consigo ao invadir a península Ibérica contribuiria, porém, para sua expulsão da Europa. Foi o sentimento antimuçulmano que fez crescer, nos territórios cristãos ocupados, a resistência aos invasores a partir do século XI. (pág 1)”

Durante oitocentos anos, a região hoje conhecida como Portugal, sofreu grande influência



dos mouros, que conquistaram determinada parte do território português e espanhol, comandando os povoados, costumes e a religião do povo ibérico. Entretanto, como cita NAVARRO, os europeus começaram a organizar formas de retrucar os domínios deste povo, motivados principalmente pelas diferenças religiosas,

“A Batalha de Covadonga, em 720, trouxe a primeira grande derrota moura. Seu principal personagem foi o espanhol Pelayo, fundador do reino cristão de Astúrias, que conseguiu resistir a fortes ataques dos exércitos muçulmanos, muito superiores numericamente.” (pág. 1)

A partir deste acontecimento, os europeus iniciaram de forma sistematizada as tomadas de territórios dos muçulmanos, dando origem ao episódio conhecido como Guerra da Reconquista. Neste processo, a vitória mais significativa para nossa pesquisa foi a da Batalha de Ouriques, onde o conde Afonso Henriques conseguiu liderar o movimento de autonomia e delimitar o território português.

Além disto, esta batalha, foi responsável por nutrir e cultivar na gênese da sociedade portuguesa, um sentimento de superioridade, pois, reza a lenda que Henriques se recolheu para um local específico e ao olhar o céu, avistou Jesus Cristo crucificado com vários anjos ao redor, este lhe falou que ele venceria a batalha e seria responsável por disseminar os dogmas de fé cristã para o resto do mundo. Segundo o conde, Jesus disse-lhe: “ Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos impérios, e quero em ti, e nos teus descendentes, fundar um império para mim, pelo qual o meu nome seja levado às nações estrangeiras.”

Muitos historiadores encaram esse mito como uma mera fantasia, inventada para dar sentido e embasamento ao português de delimitar seu próprio território e justificar por meios piedosos, como frisa MALVEIRO (2017):

“ As vitórias de D. Afonso Henriques contra os sarracenos e as suas ambições políticas em formar um reino independente, carecia de fundamento e do



respectivo reconhecimento, nesse sentido haveria de mistificar a fundação do reino na criação divina. As vitórias nos campos da batalha e as conquistas territoriais, tomaram assim uma dimensão fenoménica. Haveria de glorificar e engrandecer as escaramuças, contra o infiel, pela conquista territorial e a expansão da fé, para justificar a pretensão de D. Afonso Henriques a ser rei dum reino soberano e independente.” (pág. 1)

Pesquisadores da Batalha de Ourique também contam que no dia da batalha, 25 de Julho de 1139, era aniversário de Dom Afonso Henriques e dia de Santiago de Compostela, conhecido como “mata mouros”, o que torna tudo ainda mais enigmático e cheio de detalhes.

A história oficial portuguesa considera até então, o significado dos símbolos desenvolvidos na bandeira como fatores que eternizam esta batalha, um escudo com cinco quinas que representam os cinco reis mouros derrotados e os cinco pontos dentro das quinas, simbolizam as chagas de Jesus Cristo. Entretanto, alguns pesquisadores subvertem esta interpretação e acreditam que Dom Afonso havia pensado em todos esses detalhes antes mesmo de anunciar a bandeira, de modo a justificar seu reinado.

Nota-se desde a gênese memorial portuguesa, a presença da religião católica como um fundamento para legitimar as ações da coroa, que buscava cada vez mais se sobrepôr aos outros territórios europeus, como França e Holanda.

Nos séculos seguintes, iniciou-se as navegações para os continentes ainda não explorados conhecidos como “Novo Mundo” com o objetivo de garantir o funcionamento de novas rotas de comércio e expandir de forma significativa a conversão ao cristianismo - consideremos aqui o fato de que grande parte da população portuguesa era recém convertida e possuía uma grande influência mulçumana e judaica em sua formação humana -. Até mesmo Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, afirmou que a causa maior em povoar o nosso país era a propagação da “santa fé



católica”.

Uma das principais obras que relatam este processo é o clássico lusitano, “Os Lusíadas” de Luís Vaz de Camões, onde o povo português é descrito como bravo e heróicos, encarando o perigo dos mares e os imprevisíveis acontecimentos ao se estabelecer no desconhecido sempre protegidos pelo “Criador” que observava tudo e assegurava que tivessem êxito.

Brasil e Portugal: irmãos de fé ou inimigos de guerra?

O fato de sermos uma mistura de vários povos, termos fortes influências africanas e indígenas, é inegável. Por vezes, brasileiros e portugueses se estranham na internet e pessoalmente, como no caso dos universitários que foram recebidos em Portugal com cartazes de “Não alimentem os pombos” em referência ao fato do grande número de aprovações brasileiras em faculdades lusitanas que fariam com que eles se sentissem “roubados” e ainda as piadas brasileiras em que o português sempre é descrito como sem muita inteligência e incapaz de fazer negócios apesar de muito ambicioso.

Entretanto, temos em nossa composição a presença do português de uma forma muito forte e ao mesmo tempo sutil, tomando como exemplo o livro “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, onde somos apresentados constantemente a letras de fados, um estilo de música portuguesa muito dramática e triste, que parece muito com as letras de músicas de um proto gênero atual conhecido como “sofrência”. Devemos enxergar os vários aspectos advindos de nossa origem, não ignorando também a participação significativa da Espanha e da Igreja Católica no que viria a ser a origem do quinto maior país do mundo e um sexto país mais populoso.

Em Junho de 1494, os reinos de Portugal e Espanha dividiram o local conhecido como “novo continente” que acabara de ser descoberto por Cristóvão Colombo em dois, por meio de uma linha imaginária era possível visualizar de que modo os reinos delimitavam de quem seria a propriedade dos locais explorados por eles no documento conhecido como Tratado de Tordesilhas. Assinado pelo



rei de Portugal, na época Dom João II, em uma ilha castelhana e aceito pelo Papa Julio II, este foi um dos primeiros acordos internacionais conhecidos, chegando a ser considerado como a origem da União Europeia da atualidade. Sobre a reação das outras monarquias acerca do tratado, escreveu SOUSA (2020):

“ Pouco tempo depois, as determinações desse tratado seriam questionadas pelas outras nações europeias que iniciavam seu processo de expansão marítima. Diversos monarcas não aceitavam o fato de a divisão ter se restringido aos países ibéricos. Os franceses, por exemplo, passaram a organizar expedições marítimas para o Brasil em sinal do não reconhecimento do tratado. As nações que protestaram contra, na verdade, reivindicavam o princípio de posse útil da terra para legitimar a exploração colonial. (pág. 1)”

O primeiro contato dos portugueses com o solo brasileiro se deu em 22 de Abril de 1500 no litoral da Bahia, sendo liderados pelo capitão-mor Pedro Álvares de Cabral, avistaram o que viria a ser chamado de Monte Pascoal e no dia 26, o Frei Henrique de Coimbra celebrou a Missa antes de partirem para as Índias, este momento é considerado o “batismo” do Brasil e ficou eternizado no quadro “A primeira Missa” de Victor Meirelles.

Esta obra foi pintada no século XIX e é uma das maiores expressões históricas acerca do descobrimento do Brasil. A análise cromática e das posições desta pintura, nos permite interpretar que desde o início da colonização, antes mesmo da chegada dos jesuítas e início do processo de catequização, o indígena é encarado como alguém cuja religião não importava e que não possuía capacidade de distinguir o certo do errado. Sobre a análise semiótica deste quadro, MARRONI (2018) infere:

“ Os índios, os portugueses, a presença de vegetação, os tons marrons e verdes evidenciaram a constatação da categoria terrestre. Já, na segunda zona, a presença dos tons azuis, em quase toda a sua extensão, e a cruz, que aparece



por inteira no lado esquerdo da tela – como se estivesse servindo de elemento de ligação entre o céu e a terra – possibilitaram-nos caracterizá-la como sagrada. (pág.38)”

A fonte primária que possibilitou a pintura do quadro séculos depois do acontecimento, é a carta de Pero Vaz de Caminha para El Rei de Portugal, onde era descrito as primeiras impressões dos silvícolas. Esta carta é responsável por descrever o físico “pardo avermelhado” dos indígenas e seus comportamentos de inocência - como andar nu- e estranhamento - quando comeram comidas europeias -. Entretanto, a passagem mais importante para nosso estudo é:

“ Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.”

De forma pacífica, os portugueses iniciaram trocas com os indígenas. Entretanto, eles não imaginavam que existissem outras tribos que fariam alianças com outros países e que também houvesse frentes de resistência à colonização.

Estes acontecimentos resultaram em diversas guerras pouco comentadas entre os indígenas e europeus, principalmente nos estados que faziam parte do semiárido nordestino, como Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte ocupados grande parte por um grupo conhecido como Tapuias que contavam com cerca de cem línguas diferentes, destaca PIRES (2015):

“ Estudos atuais demonstram que esses povos pertenciam aos seguintes grupos culturais: os Jê, os Tarairiu, os Cariri e os grupos isolados e sem classificação. Entre eles podem ser citados os Sucurú, os Bultrim, os Ariu, os Pega, os Panati, os Corema, os Paiacu, os Janduí, os Tremembé, os Icó, os Carateú, os Carati, os Pajok, os Aponorijon, os Gurgueia, que lutaram ora contra ora



a favor dos colonizadores de acordo com as estratégias que visavam à sua sobrevivência.” (pág. 1)

Estes conflitos podem ser nomeados de formas diferentes, como Confederação do Cariri e Guerra do Açu, mas todas se referem ao mesmo acontecimento. Quanto a legalidade e impressão da época por parte dos portugueses, PIRES também tece considerações:

“Essa imagem reforçou os argumentos do conquistador de impetrar uma “guerra justa” para extirpar os “maus” costumes nativos, satisfazendo tanto as necessidades de utilização de mão de obra pelos colonos quanto à garantia aos missionários do sucesso na imposição da catequese. O resultado foi a criação de dispositivos legais que legitimavam uma guerra de extermínio. “ (pág. 1)

A partir do momento que os gentios demonstraram resistência a cumprir protocolos portugueses, bem como permitir que estes tomassem seu território, as batalhas, que mais uma vez foram justificadas pelos portugueses, se iniciaram. Este contraste entre o bom colono que enxerga a inocência do colonizado, chegando a compará-lo a Adão aos sangrentos embates de dois grupos por seus próprios interesses, nos deixam o questionamento: Brasil e Portugal: irmãos de fé ou inimigos de guerra?

A catequização do Ceará

Nascido em 1491 em uma região ao norte da Espanha, nasceu um rapaz que viria ser conhecido como Inácio de Loyola que depois de dar uma guinada em sua vida, de cavaleiro para monge, se tornaria o fundador da Companhia de Jesus.



Este grupo ficou conhecido por estruturar um método de estudos e de ensino muito utilizado nos primeiros anos de colonização da América e foram importantes para o desenvolvimento da moral e do imaginário dos gentios, como destaca FERNANDES:

“A Companhia de Jesus pautava-se pela Ratio Studiorum, isto é, a “Regra de Estudos”, ou “Ordem de Estudos”, que levava em conta o conhecimento do latim, das sagradas escrituras e de textos da tradição ocidental. Esse método foi de essencial importância na atmosfera do combate religioso travado contra os protestantes. Em primeiro lugar porque a rigidez do método preservava os membros da Companhia de se interessarem pelas “novidades” das teses protestantes e, em segundo lugar, servia-lhes em seus destinos como missionários, principalmente no chamado “Novo Mundo”.

Entretanto, tanto os colonizadores quanto os jesuítas demoraram mais que o normal para chegar ao nosso estado Ceará, posto que ainda fazíamos parte da capitania de Salvador e não existia uma finalidade específica para o desenvolvimento de nossa região, sendo explorada com mais de cem anos de “atraso”.

Os primeiros registros das visitas dos jesuítas em nossas dependências se deu com Luís Figueira - que posteriormente virá a visitar a região de Itapajé - e Francisco Pinto na serra da Ibiapaba, como destaca XAVIER (2010):

“Em 1607, no começo do mês de fevereiro, fizeram-se notados os primeiros jesuítas no Ceará. Francisco Pinto e Luiz Figueira, segundo este último, chegaram “cõ intenção de pregar o evangelho aaquella desemperada gentilidade” e fazer “cõ q se lançassem da parte dos portugueses”. Vindos de Pernambuco, intuíaam atingir o Maranhão e lá fixar uma Missão para assistir na fé cristã índios deste lugar. No itinerário realizado para tal fim, dos nativos com os quais



se depararam os de linhagem Tupinambá foram os mais cordiais. Os “costumes destes da Ibiapaba”, os Tabajara, muito interessou aos inacianos por obterem melhor receptividade entre eles “em 4 ou 5 mezes q’ cõ elles” ficaram, período em que vivenciaram um processo complexo de relações, marcado por estranhamentos, confrontos de leituras e olhares de ambos os lados.. O ponto final dessa primeira empreitada jesuítica culminou com a morte de Francisco Pinto, no início de 1608, trucidado pelos “caririjus” (ou tocarijus) quando ia com seu companheiro Figueira da Ibiapaba para o Maranhão, sendo que este último conseguiu escapar. Após este episódio, de acordo com as palavras do padre Antonio Vieira, os Tabajara vingaram “a morte de seu pastor, na qual se mostraram tão cavaleiros que, fazendo guerra em toda a parte aos Tucarijus, apenas deixaram desta nação quem lhes conservasse o nome e a memória” (pág 43 - 44)

Apesar desse trágico primeiro contato, foi possível para a Companhia de Jesus, fundar o aldeamento de Nossa Senhora da Assunção em 1695 em Ibiapaba, atual Viçosa do Ceará.

Aldeamento versus Santas Missões

O aldeamento consistia em uma espécie de “tribo” fechada em que os índios podiam plantar, caçar e pescar enquanto recebiam doutrinação católica, ouviam sermões e rezavam o rosário. Esta metodologia catequética era exclusividade dos jesuítas, que acreditavam estar construindo um imaginário europeu - considerado superior e valioso - nos aborígenes, que na verdade, criavam cada vez mais aversão por esse estilo de vida.

“ Nos aldeamentos jesuíticos, os índios eram educados para viver como cris-



tãos. (...) Os jesuítas valiam-se de aspectos da cultura nativa, especialmente a língua, para se fazerem compreender e se aproximarem mais dos indígenas. Essa ação (...) violentava aspectos fundamentais da vida e da mentalidade dos nativos, como o trabalho na lavoura, atividade que consideravam exclusivamente feminina. (...) Os religiosos argumentavam que as aldeias não só protegiam os nativos da escravidão e facilitavam sua conversão, mas também forneciam uma força militar auxiliar para ser usada contra tribos. (...) Os efeitos dessa política eram tão agressivos e aniquiladores da identidade nativa que, não raro, os índios preferiam trabalhar com os colonos, apesar de serem atividades mais rigorosas, pois estes pouco se envolviam com seus valores, deixando-os mais livres.”

Muitas cidades cearenses, além de Viçosa do Ceará, surgiram de aldeamentos, como por exemplo, Parangaba, Caucaia, Pacajus, Messejana e Crato e resistiram até hoje como centros urbanos. Entretanto, no ano de 1759, após uma suspeita de conspiração dos jesuítas contra o Estado, Marquês de Pombal exige a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil.

Neste mesmo século, destacou-se a presença de outra ordem no Ceará que buscava a consagração destas terras, os franciscanos ou frades capuchinhos que eram em sua grande maioria italianos e franceses e contavam com um novo método de evangelização: as Santas Missões ou Missões Populares.

As Santas Missões dos capuchinos eram móveis, eles passavam cerca de dez a doze dias em um local por convite da própria população. Esse novo método foi muito proveitoso, posto que até hoje ainda é usado pela Igreja Católica .

Durante as Santas Missões, os freis buscavam o máximo de cavaleiros possível para os acompanhar, estavam sempre em ritmo de festa e a missão terminava com uma procissão de vaquei-



ros - atualmente tradição conhecida como “cavalgada franciscana” - que por serem sempre tão solitários, ficavam empolgados e se envolviam completamente.

História da formação de Itapajé

Em uma carta escrita por Luís Filgueiras no dia 26 de Agosto de 1609 dirigida a Roma e divulgada em 1903 por Barão de Studart pode ser considerada como o primeiro registro da Serra de Uruburetama que viria a ser, posteriormente, o município de Itapajé, no interior do Ceará:

“Gastamos 12 ou 13 dias, sem saber bem quando era manhã nem noite, com os espessos altíssimos matos, por baixo dos quais íamos rompendo a força de braço e ferro, subindo e descendo rochedos que excedam toda a exageração. (...) Nesta triste serra dos corvos parece que se juntaram todas as pragas do Brasil, inumeráveis cobras e aranhas a quem chamam de caranguejeiras, peçonhentíssimas, de cuja mordedura se diz que morrem os homens; carrapatos sem conta, mosquitos e moscas que magoam estranhamente e ferem como lancetas, fazendo saltar o sangue fora e, assim, pareciam os índios leprosos das mordeduras; nem eu fizera caso de escrever essas cousas se não fossem extraordinárias.” (pág. 17)

Segundo SILVA (2000), ainda nesta mesma visita a serra de Uruburetama - que significa em tupi ‘morada dos urubus’ - os padres teriam avistado uma “ama agulha de granito”, cuja a aparência com um frade teria resultado no batismo da região como Vale do São Francisco, local que atualmente conhecemos como a Pedra do Frade.

Apesar de não ter esse relato na carta de Luís Filgueiras, a tradição histórica considera aquele momento como a determinação do município de Itapajé. Não temos registros também do encontro



desses frades com nossa tribo aborígene, os Guanacés, mas é possível considerar que este mesmo local fosse utilizado anteriormente para cultos pagãos, visto que muitas das nossas práticas religiosas advém do sincretismo entre a religião cristã e crenças indígenas.

A tribo Guanacés e o esquecimento de nossa origem indígena

A nossa tribo era vasta por toda a região do Ceará e sofreu diversas tentativas de aldeamento, como na Missão de São Francisco de Xavier, que acabou levando ao confronto com os Tabajaras e foram devolvidos para a Serra de Uruburetama, pouco tempo depois em 1667, suas mulheres e filhos foram entregues à guarda dos Jaguaribara, o que fez com que em 1671, recorram ao Capitão Mor propondo a submissão em troca de suas famílias.

Durante o ano de 1713, com pouco mais de duzentos indivíduos, eles abandonaram a aldeia e se juntaram aos remanescentes das tribos Paiacu e Tremembé e planejando vingança contra os colonizadores atacando a povoação de Aquiraz, uma grande chacina que resultou novamente na prisão aldeamento de Ibiapaba, chegando lá, novos conflitos, destaca um documento enviado aos superiores da Missão do Maranhão:

“Os tapuias da Nação Anacé, a quem chamam de corso, fizeram grandes estragos no Arraial da Parnaíba, da parte do Maranhão, matando o mestre de campo, Antônio Souto Maior e a muitos brancos, além de haverem praticado furtos na Ribeira do Coreaú, agregando sob o seu comando muitos índios aldeados. Achando-se estes índios envolvidos em delictos de tamanha gravidade, mesmo depois de aldeados, mandou o chefe do governo fazer-lhes guerra com tanto sucesso, que apenas quarenta deles puderam escapar das armas.”

(pág. 23)



Finalmente, os sobreviventes da tribo Guanacés foram introduzidos à Missão do Bom Jesus da Parangaba, dando conclusão a uma história de lutas e resistências e que são vagamente lembradas como nos nomes da rádio e do clube Guanacés, mas nunca aprofundadas, o que faz com que a lembrança dos nossos povos originários fossem deixados de lado e as pessoas continuassem sem conhecer a história de seus ancestrais.

As Santas Missões em Itapajé

Entre as missões compreendidas nos rincões do Ceará, estava a de Santa Cruz de Uruburetama feita por Frei Vidal Fascarolo da Penha, uma figura conhecida como “o profeta do sertão” e protagonista de diversos cordéis, onde fincou o cruzeiro na construção da primeira Igreja, a Capela de Nossa Senhora da Penha, que teria sido um encomenda de Francisco Barroso Curú em cumprimento de uma promessa, segundo BASTOS (2006):

“Segundo as primeiras famílias da região, foi Frei Vidal da Penha que marcou o lugar onde deveria ser construída a Igreja, em direção ao poente. Por razões desconhecidas não foi cumprida a recomendação do virtuoso frei o que a levou a demolição daquela primeira capela que ficava ao sul da atual, como se pode verificar, quando ali foram feitas escavações, e encontradas sepulturas com ossadas humanas (sepultava-se na Igreja).“ (pág. 44)

Somente em 1825, a Capela foi reconstruída em direção ao poente, que 25 anos, em 3 de Dezembro de 1849, seria elevada a Matriz da paróquia, mesmo ano em que o pequeno arraial de São Francisco foi instituído como município.

Narrativas Literárias da Pedra do Frade



Como já vimos anteriormente, a Pedra do Frade foi um fator importante para a definição e localização da cidade desde as primeiras visitas dos europeus. A sua semelhança com São Francisco fez com que no ano de 1837, Francisco da Cunha Linhares e sua mulher, Dominga Pereira Pinto doaram, para a construção de uma capela dedicada a São Francisco, um terreno na região, posteriormente no ano de 1864 seria transformada em Matriz, passando por intensas reformas de seu pároco Monsenhor Catão Porfírio Sampaio.

Nesse ínterim, o nome da cidade foi modificado de Vale do São Francisco para Itapajé que em língua tupi significa “pedra do feiticeiro”, o que aumenta ainda mais as chances de antes da invasão europeia, aquele local ter sido considerado sagrado para os aborígenes e até hoje para a população itapajeense em geral.

Segundo o último censo do IBGE (2021), a população da cidade de Itapajé era de aproximadamente 53.448 pessoas distribuídas em 439.501 km². A cidade possui a topografia acidentada e é cortada pela rodovia Fortaleza - Teresina na BR 222, uma das mais movimentadas do Ceará. Está localizada em uma das doze regiões que se divide o Estado: a do Sertão Norte. Tem limites com os municípios de Irauçuba, Umirim, Uruburetama e Tejuçuoca.

A temperatura oscila entre 32 e 26 graus. Possui riquezas de origem vegetal, como maniçoba, cajueiral, carnaubeiral e oiticicas. Foi uma das pioneiras no movimento abolicionista, libertando seus escravos no dia 2 de fevereiro de 1883. Tem um expoente de artistas e escritores, bem como visitantes que escreveram sobre a cidade.

Neste capítulo, serão traçadas e analisadas algumas narrativas literárias sobre a Pedra do Frade e conseqüentemente, sobre a cidade de Itapajé.

A Pedra do Frade



A 900m de altitude, a formação rochosa que se tornou símbolo da cidade tem que ser observada de um determinado ângulo para que a imagem do frade se apresente a olho nu. De perto, é possível observar um corte de cabelo característico dos freis capuchinhos, além da veste com capuz, a posição de joelhos e detalhes característicos de um rosto humano. Apesar de o nome do local ser genérico, todas essas características foram relacionadas a um frade específico.

Giovanni di Pietro di Bernadone, frei católico nascido em Assis na Itália durante a Idade Média que recebeu notória atenção por se desligar de sua família aristocrata e conviver com os pobres, fundado a Ordem dos Frades Menores e ficando mundialmente conhecido como São Francisco.

A devoção brasileira por este santo é muito forte, principalmente no nordeste, sendo possível observar as romarias em cidades como Canindé, onde os pagadores de promessas vão de marrom, às vezes se dirigem ao local de pés descalços e alimentam um enorme comércio de turismo religioso. Não é atoa que o santo conhecido por ajudar a banhar os leprosos, se desfazendo completamente de sua herança, se tornou tão popular em um país com tanta miséria e desigualdade social.

O imaginário do brasileiro, principalmente do nordestino cearense, se constrói a partir das necessidades, dentre elas, a de sobrevivência. Sobreviver e resistir é um ato de rebeldia contra quem espera nosso perecimento. A crença de que existe uma força protetora que nos leva a persistir se reforça quando vemos de forma material, como uma pedra gigantesca no horizonte que nutre em si muitos mistérios e simbolismos.

Tantas lendas já rodearam este bloco de granito, como a de que um grupo de alpinistas americanos tentou escalá-lo e não conseguia, quanto mais insistia, mais longe do topo, ficavam. Conta-se que o frade petrificou-se por ter ficado apaixonado por uma indígena, também há quem acredite que o próprio pajé da tribo que fez o feitiço, daí viria o “feiticeiro”.

É necessário que consideremos diversas formas de enxergar esse fenômeno, é disso que se trata este trabalho. Posto que além desta, a cidade possui outros pontos turísticos também de material rochoso, de grande porte e com formações peculiares, como a Pedra da Caveira, que tem esse nome



pela semelhança com um crânio humano, situada na Serra do Camará e a também conhecida Pedra dos Ossos, caverna utilizada como devoção religiosa que guarda um histórico de milagres, local que faz parte do distrito de Baixa Grande. Enquanto a Pedra do Frade fica mais próxima da sede.

É importante salientar que nenhuma dessas pedras foi tombada como monumento histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como outras importantes estruturas que resistem - ou que se perderam - na cidade, como a casa do escritor Quintino Cunha e o Chalé Colonial utilizado por Dom Pedro II.

Todas estas maravilhosas oportunidades de explorar nosso passado por meio do patrimônio material não são possíveis, pois todos estes monumentos, incluindo a Pedra do Frade, são propriedades particulares ou de matriz pública negligenciada.

Antônio Martins e o sentinela do mundo

Este tópico trará a primeira análise de fragmento literário relacionado a Pedra do Frade, é um poema do jornalista fortalezense Antônio Martins Filho, que com o pseudônimo de Deliste, publicou diversas poesias em folhetins, como “Brisa”, “Mocidade” e “Lira”.

Além disso, foi um importante personagem na luta abolicionista do Ceará, sendo um dos criadores da Associação do Porvir, que ao viajar para o pé-da-serra itapajeense escreveu:

Como ele é majestoso,
Viu passarem com os séculos gerações
a se abismarem na tumba das idades.
Sentinela do mundo no seu posto.
Tem das procelas, rugas, pelo rosto,
Suco das tempestades.



Fez-se um monge...preferiu a cela escura.
O ambiente sagrado da natureza,
entre os muros azuis das cordilheiras.
E aí, num paraíso ao céu aberto,
constitui-se um marco no deserto.
Âncora da fé na crença derradeira.

Analisando o poema de um modo geral, tem somente duas estrofes com pausas não muito curtas entre os sons, o que causa um ritmo mais fluido e calmo, como se ouvíssemos pessoalmente o autor descrever o que está vendo.

Na primeira estrofe, sem falar claramente ao que se refere, o autor inicia com um adjetivo substantivado: majestoso. Posteriormente, diz que o monumento viu passarem gerações que já se foram, ou seja, grande quantidade de pessoas que já residiram na região desde a época que começou a ser povoada e como um “sentinela do mundo” ainda se mantém estático a observar tudo o que ocorre nas localidades.

As tempestades lhe causaram “sucos pelo rosto”, o que no caso está relacionado às mudanças fisiográficas da região, chuvas fortes ou secas intensas que poderiam por um acaso ter destruído a pedra, desgastá-la a ponto de deformá-la, mas segundo a visão do autor, somente lhe causou sucos no rosto, como um senhor idoso que tomou muito sol e possui cicatrizes na pele.

Na segunda estrofe, agora definindo que o referido optou por se fazer monge e com as reticências deixa um rastro de incerteza quanto à sua escolha pela “cela escura” que pode simbolizar os altos arbustos existentes na região, e também a solidão em ter que ficar distante de toda a civilização, um custo a ter que ser pago por viver em um “ambiente sagrada da natureza” com cordilheiras azuis, que provavelmente é a vista do alto do Camará, onde é possível enxergar o céu do litoral da cidade de Itapipoca. Fundem-se o clima nublado da serra e a paisagem praiana.



Ele segue afirmando que o monge resolveu permanecer em um “paraíso ao céu aberto” e se distinguir como “marco no deserto”, ou seja, apesar de viver solitário e isolado, permanece próximo a Deus e em um local privilegiado por ser próximo a natureza, o que faz com que o autor termine o definindo como “âncora da fé na crença derradeira”, ou seja, um fator deliberativo para a permanência da religiosidade na região, mantendo-se imóvel por uma causa significativa.

Sérgio Magalhães e a lenda do frade de pedra

Se para Antônio Martins, o monge se mostra imponente e solitário, para o cordelista itapajense Sérgio Magalhães, conhecido como Pinto de Ouro, ele já se mostra suplicante e penitente, e foi através dessa percepção que ele escreveu sua última obra, “A lenda do frade de pedra”, onde reúne algumas generalizações da lenda e constrói um cordel.

O livro foi lançado pela editora Jardim Literário, com ilustrações em xilogravura de Maércio Siqueira e escrito em conjunto com a escritora e pintora Kátia Castelo Branco. Este projeto foi homenageado por artesãos da cidade que produziram alguns quadros com a fibra da bananeira inspirados nas passagens do livro.

Será posto aqui algumas dessas passagens com comentários acerca das lendas. Inicia-se com a descrição de um frade em um povoado de interior, seguindo os três pilares das ordens franciscanas: pobreza, obediência e castidade:

“Um frade temente a Deus
Por votos de obediência
Proclama zelo ao seu próximo
E ofertando assistência
Acolhendo seus fiéis
Com amor e paciência” (pág. 6)



O desenrolar da história acontece com o despertar da paixão de uma moça pelo humilde frade, que por negar-se a tal erro, sofre com a insistência dela:

“A jovem se desdobrava
Em vultoso devotamento
O frade rogava ao Pai
Que lhe desse o livramento
E que a sua missão
Fosse de Deus instrumento” (pág 9)

Decerto, o frade desta lenda se assustava com a falta de modéstia por parte da moça, que apesar de ser rejeitada e constantemente repreendida, não se deixava abalar em suas insistentes tentativas de aproximação ao padre. Na derradeira vez, vestiu-se de noiva com buquê e o perseguiu até uma montanha:

“Sem rumo e muito confuso
Rogava a Deus por clemência,
E o frade em denso pranto
Comprova sua obediência
‘-Antes eu virasse pedra,
Que cometer tamanha imprudência!’” (Pág. 15)

Os autores explicam que a moça se sentia extremamente culpada ao ver o padre transformar-se em pedra, pediu também a Deus que a petrificasse e assim pudesse pedir sempre perdão a Deus por sua falta de caridade com o frade.

Também escrevem que o padre havia recebido um dote em alto valor para as obras da paró-



quia da cidade, este saco de moedas de ouro se perdeu durante a fuga e que um dia há de ser encontrado por algum aventureiro. A presença desse elemento conhecido pela cultura popular como “botija” é muito comum em livros de cordel, bem como a recompensa para quem consiga resolver o mistério, prendendo desta forma, o ouvinte a história.

O livro finaliza com o seguinte verso:

“Uma névoa esbranquiçada
Veste a robusta colina
Mistificando uma senda
Que a intercessão Divina
Esculpiu como perpétua:
“O casto amor à batina!”” (pág. 22)

Podemos concluir com a análise breve dos fragmentos deste livro de cordel, a presença factual e ficcional até os dias atuais das Santas Missões e dos freis capuchinhos no imaginário popular da cidade, deixando que um tema se sobressaia a outros: a Pedra do Frade. As diferentes explicações para sua formação particular são de um valor essencial para a construção da memória de nossa cidade. Portanto, estas duas obras merecem ampla divulgação e investimento público que os tornem conhecidos pelas gerações que irão de vir.

A Pedra do Frade em símbolos municipais

Todas as cidades têm constituídas em lei, seus símbolos municipais, sendo estes: o brasão, a bandeira e o hino. Normalmente, são colocados elementos que representem o desenvolvimento econômico com palavras que signifiquem historicamente para aquele povo ou região.

A Pedra do Frade está presente em todos os símbolos itapajeenses, sendo acompanhada de



dois outros itens importantes para nossa história: a banana e o algodão, posto que as serras de Itapajé são grandes produtores de banana sem agrotóxico e que em tempos antigos, fomos um dos principais exportadores de algodão, conhecido até hoje como “ouro branco” pelo valor que agregou à província do Ceará.

O hino de Itapajé

Durante o centenário de Itapajé, em 1959, Eida Leite Lousada e Paulo Vieira de Mesquita escreveram o hino de Itapajé, que possui em seu estribilho as seguintes passagens:

Sob as vistas do monge lendário.

Hoje, em festa, de luz se engalana. (...)

Recostada na serra bendita

Qual vigia zeloso e valente

Reza um frade de pedra e medita

Nos destinos da mais brava gente.

Podemos perceber que assim como o poeta Antônio Martins, os escritores do hino também consideram o frade de pedra um “vigia” que em sua “serra bendita” reflete sobre os destinos da população. Sempre em uma posição de autoridade transcendental, o monge torna-se como um símbolo de proteção e segurança para todos os que estão abaixo dele.

A bandeira

Durante o ano de 1972, o prefeito de Itapajé, Francisco Chaves Bastos, conhecido como Dr. Ary, concretizou em lei a criação da bandeira de Itapajé que fora primeiramente organizada durante



o governo de Roque Silva Mota. Ocorreu um concurso, que através do qual, o vencedor deveria idealizar a bandeira do município e a escolhida seria determinada como a oficial.

A ganhadora foi Icléa Macedo Coutinho que desenhou um campo retangular azul, projetando em cima, uma cruz branca. Localiza-se um brasão de forma oval no eixo dessa cruz, orlado por um torçal amarelo como um contorno de ouro. Ao lado direito do escudo, está um festão de ramo de algodoeiro, e ao lado esquerdo, outro ramalhete, formando um cacho de banana. Abaixo, uma faixa branca escrito “Município de Itapajé”. Ao centro do brasão, como o perfil da cidade, está a gravura da Pedra do Frade, demonstrando sua distinção em meio aos outros símbolos.

Considerações finais

Tanto na letra do hino, quanto nas representações na bandeira do município, é reconhecido que o desenvolvimento social da cidade e os princípios que regem os cidadãos se iniciou no período das grandes incursões de Portugal, país este que detém desde seu imaginário de formação a religião cristã católica como um ponto de valor determinante durante o desbravamento do Brasil, que pode ser notado na pintura “A Primeira Missa” de Victor Meirelles, onde o autor destaca as diferenças entre europeus e aborígenes.

Após estes primeiros contatos, iniciou-se o período de aldeamento no Brasil Colônia, o Ceará demorou mais de cem anos para ser verdadeiramente colonizado, posto que os indígenas tinham uma forte resistência aos aldeamentos, criando revoltas e guerras contra os padres, como aconteceu na tribo Guanacés da Serra de Uruburetama, tendo que ser fuzilada por falta de obediência aos jesuítas.

Como uma tentativa de resgate da memória e do patrimônio municipal, este trabalhou buscou definir a Pedra do Frade é protagonista na fundação da cidade de Itapajé e em seu desenvolvimento moral e cultural, pois, faz-se necessário discorrer tudo o que há por trás dos significados no nome da cidade, das lendas em relação à pedra e aos símbolos oficiais do município.



Baseando-se nisso, podemos perceber que as narrativas literárias, tanto as escritas e publicadas quanto às orais, têm o poder cristalizado e formador. Por meio da análise do profundo poema do abolicionista Antônio Martins e do cordel de Sérgio Magalhães, foi possível sintetizar as diferenças nas representações da Pedra do Frade para a cultura da cidade e para o subjetivo de quem a admira. Ora, como um imponente vigia da população e ora um solitário frade suplicando perdão.

REFERÊNCIAS

A batalha de Ourique. Disponível em: <<https://www.mitologia.pt/a-lenda-da-batalha-de-ourique-274825>>. Acesso em 30/08/2021.

ALTOÉ, Larissa. Resistência Indígena na História do Brasil. Rio de Janeiro: Mult Rio, 2017.

BASTOS, Maria Zelândia Sales Bastos. Histórias da minha terra. Itapajé: Editora Realce, 2006.

BRANCO, Kátia Castelo Branco e Sérgio Magalhães. A lenda do Frade de Pedra. Fortaleza, Editora Jardim Literário, 2020.

BRASIL. Ministério da Cultura. Departamento Nacional do Livro. A carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: .

Companhia de Jesus no Brasil. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/companhia-jesus.htm>>. Acesso em 30/08/2021.

FARIAS, Airton de. Histórias do Ceará: dos índios à geração cambeba. Fortaleza: Editora Tropical,



1997.

FILHO, João César Abreu de Oliveira. Da Igreja da Opressão à Igreja da Libertação: A produção do espaço e da luta pela moradia na cidade do Crato - Ceará. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2016.

Hino da cidade de Itapajé. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/hinos/itapaje/>> Acesso em 29/03/2021.

MARRONI, Fabiane Villela. Um estudo a partir da semiótica visual da pintura A Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles. 29 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 29-41, jan./abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.81013>

NAVARRO, Roberto. Como foi a ocupação moura na Península Ibérica? Revista Superinteressante. São Paulo, SP: 2018.

SILVA, Francisco Carlos Bezerra. Sob as vistas do monge lendário. Fortaleza: Editora Mauro Morais, 2000.

SOUSA, Rainer Gonçalves. “Tratado de Tordesilhas”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/tratado-de-tordesilhas.htm>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

PIRES, Maria Idalina. Guerra dos Bárbaros – O terrível genocídio que a História oficial não conseguiu esconder . Blog da Editora Contexto. São Paulo: 2019.



XAVIER, Maico Oliveira. Índio e jesuítas na aldeia da Ibiapaba (1700 - 1759). *Revista Historiar*, ano II, n I. Sobral: 2010.

